

## ANDRAJOS E MENDIGOS SINÔNIMOS DE VISUALIDADE

Ana Claudia Henriques de Araujo  
anaepato@yahoo.com.br  
Universidade de Brasília - UNB

ISSN 2316-6479

### Resumo

O objetivo deste artigo é realizar uma discussão sobre a estética e as formas de representação do mendigo nas artes visuais. A figura do mendigo tem sido tema para pintores, gravadores, figurinistas, estilistas, músicos, teatrólogos, fotógrafos, design de games e carnavalescos. Rembrandt, William-Adolphe Bouguereau, Gustavo Dore, Giacomo Cerutti, William Hogarth, passando por Joãozinho Trinta, Lee Jeffries, Chico Buarque entre outros, que utilizaram mendigos como tema de projetos. Este texto pretende estabelecer ligações entre o processo criativo, a temática e as circunstâncias que provocam e instigam criadores em diversos momentos em produzir imagens e objetos utilizando o mendigo como elemento visual.

**Palavras-chave:** Artes visuais, Estética, Estética mendiga.

### Abstract

The purpose of this article is discussed on the aesthetics and forms of representation of the beggar in the Visual Arts. The figure of beggar has been theme for painters, writers, costume designers, stylists, musicians, teatrólogos, photographers, design games and Carnival. Rembrandt, William-Adolphe Bouguereau, Gustav Dore, Giacomo Cerutti, William Hogarth, passing by Johnny Thirty, Lee Jeffries, Chico Buarque and others, who used beggars as project theme. This text aims to establish links between the creative process, the subject and the circumstances that provoke and instigate creators at various times in producing images and objects using the beggar as visual element.

**Key Words:** Visual arts, Aesthetic, Aesthetic beggar

“Gosto muito do jeito que os mendigos se vestem.  
Eles têm senso estético.”  
(Regina Casé)

Marginalizado, nascido no contexto da pauperização da sociedade urbana na Idade Média, o mendigo é fartamente representado na moda, cinema, pintura, fotografia, teatro, carnaval e em jogos virtuais. A personalidade mendiga é fonte de inspiração de estilistas, tema para fotógrafos, motivo para pintores. Por que o mendigo, personagem que habita pequenas e grandes cidades, é considerado portador de atitude marginal, contemporânea, distinta e dramática? O que explicaria essa atração por tantos criadores? Existe uma estética mendiga?

Escrevemos estética mendiga, neste trabalho, como resultado da observação e análise de diversas imagens e obras visuais em que foi possível identificar seme-

lhanças na representação da figura do mendigo numa linha que parte das pinturas e gravuras passando pelo carnaval, pela fotografia, pelo figurino e fechando na moda.



Fig. 1 - Beggars on the Doorstep of a House, 1648 – Rembrandt

Fonte: <http://www.wikipaintings.org/en/rembrandt/beggars-on-the-doorstep-of-a-house-1648>

A arte contemporânea promove ao espectador incríveis experiências que, sob a forma de obra de arte, são construídas a partir da apropriação de materiais como o lixo, matérias orgânicas, sacos, latas e até sangue.

Projetos rotulados na esfera das estéticas marginais, como a estética do lixo e da gambiarra. O assunto não é recente: o movimento artístico *arte povera* (arte pobre, em português) surgiu na Itália em 1960 e os artistas usavam areia, madeira, sacos, jornais, corda, terras e trapos com o objetivo de “empobrecer” a obra de arte, reduzindo artifícios e eliminando barreiras entre a arte e o cotidiano. A ideia desenvolveu-se na década de 1970, quando artistas procuravam romper com os processos industriais e realizar uma crítica ao empobrecimento de uma sociedade destinada a acumular bens materiais. As estéticas marginais são conceitos que o sistema das artes adota e aprova produzindo valores para categorizar novas propostas.

Gambiarra, segundo Lisette Lagnado (2003, s.p) já havia designado, em 1989, é uma pintura de Emanuel Nassar com um fundo vermelho, atravessado

por barras de madeira toscas remendadas. Um dos sentidos da gambiarra, em arte, envolve transgressão, fraude, tunga – sem jamais abdicar de uma ordem, porém de uma ordem muito simples. (LAGNADO, 2003, s.p).

Artur Bispo do Rosário, portador de esquizofrenia, foi reconhecido como artista criativo e realizou farta produção usando objetos recicláveis, sucata e materiais descartados. Bispo representa o que pode ser entendido como estética do lixo, reconfigurando objetos. Lixo, um subproduto convertido em matéria renovada que adquire muitos sentidos: das discussões sobre o poder econômico – ou a ausência dele – e questões sobre consumo, cultura e desenvolvimento. Artur Bispo do Rosário foi o artista homenageado da Bienal de Arte de São Paulo 2012.

A figura do mendigo, vagando em qualquer metrópole, reflete um personagem que se desloca sem tempo e nem espaço. Vestidos com roupas, trapos, capas, luvas, em geral das mesmas cores: cinza, preto, marrom, verde escuro, cor de cidade e sujeira. Não importa se é mendigo japonês, chinês, russo ou latino.

Uma cartela de cores que se repete. Roupas arranjadas em camadas, o morador de rua carrega, como um caramujo, a casa nas costas, no corpo todo. Corpo e casa, o mendigo parece ser o mesmo em qualquer sociedade: o cara (ou ela) cabeludo, barbudo, sujo, destemperado, despossuído, de olhar para o passado, andarilho no presente e sem futuro. Panela na mão, lata velha, papelão, cachorro, farrapos, o mendigo é. E atrai fotógrafos, estilistas, cineastas e de todos.

### **Estética mendiga e arte**

Qual o conceito de estética que é entendido hoje quando criadores se apropriam dos elementos visuais que constroem a imagem do mendigo? Quais são esses valores visuais? Uma estética mendiga desenhada a partir de elementos antagônicos, que contradizem os princípios da harmonia, da estabilidade, da formalidade e da intencionalidade.

Sobre humano, super-humano, o mendigo é motivo até de jogo virtual. Parte do conjunto de marginais, loucos, bandidos e outras categorias parte do tecido social, o mendigo encarna defeitos e qualidades. É um passo para o passado. O mendigo tem uma pureza, um quê de primitivo, que atrai, intriga e provoca. Uma existência imbuída pelo aparente descompromisso com o trabalho, sociedade, limpeza e regra.

Mendigo que se comunica pelo corpo, gestos e atitudes. Existe uma aparente unidade visual entre os mendigos. Ao observar fotografias de mendigos espalhados pelo mundo é possível pensar que eles não têm nacionalidade, não têm pátria, são próximos, similares, identificáveis. Mendigo radialista, mendigo que é transformado em modelo, mendigo que representa a memória e que é ressignificado pela criação de figurinos, roupas, mendigo famoso, mendigo músico.



Fig. 2 - Mendigos contemporâneos  
Fonte: <http://lazybeggars.net23.net/en/index.html>

Para Ferreira Gullar (2010), a primeira função social da arte é “a arte mesma”. Segundo o poeta – e crítico de arte – a arte, como a sociedade é inventada, construída e criada, “a arte não tem uma única função, mas, basicamente ela faz parte da construção do mundo imaginário de que o homem necessita pra viver, para existir, pra construir a sua vida” (GULLAR, 2010, s/p).

A arte é inventada e constitui a cultura urbana, uma composição de linguagem, códigos, imaginário, memória e diferentes arranjos que definem práticas sociais, atos, protocolos e rituais.

O sistema da arte tece as relações culturais, sociais e econômicas. George Dickie (DICKIE, 2008, p.80) apresenta uma estrutura que constitui a “essência cultural da instituição dentro da qual a arte tem seu ser”.

Um **artista** é uma pessoa que participa com entendimento na produção de uma obra de arte. 2. Uma **obra de arte** é um artefato de um tipo criado para ser apresentado a um público do mundo da arte. 3. Um **público** é um grupo de pessoas cujos membros estão preparados até certo ponto para compreender um objeto que lhes é apresentado. 4. O **mundo da arte** é uma totalidade de todos os sistemas do mundo da arte. 5. Um **sistema do mundo da arte** é uma estrutura para a apresentação de uma obra de arte por um artista a um público do mundo da arte (1997b: 80-2). (DICKIE, 2008, p.79, grifo nosso).

Nesse sistema do mundo da arte, quais as diferenças entre artístico e estético? Os termos artísticos e estéticos têm sido motivo de longa disputa entre pesquisadores e estudiosos. Eaton (2004, p. 85) pergunta qual é a estreita relação que existe entre os conceitos. Para a autora, o conhecimento está no centro da apreciação estética e não é possível distinguir e nem separar totalmente o estético e o artístico, que não são diferenciados pelo público. Assim acontece com o conceito de estética. Então como compreender o objeto, como obra de arte?

Eaton (2004, p. 98) afirma que no século XX o belo passou a dividir o espaço com outras qualidades e valores atribuídos a um objeto artístico: interessante, dramático, desafiador, evocativo e tocante.

E explica:

Era difícil, digamos, discutir urinóis, repetições de palavras ou trechos de silêncio em termos de beleza. Especialmente tendo os próprios artistas entretidos em dizer que o belo não era uma preocupação deles, o artístico e o estético se separam caso se interprete o segundo em termos da beleza de algo. (EATON, 2004, p. 98)

Podemos pensar sobre a relação entre a arte e as formas de percepção, aceitação ou rejeição pelos espectadores e mercado. Foi então a arte a promotora dessa mudança de visão do que seria esteticamente belo?

No século XVIII, a estética foi reconhecida como prática acadêmica da filosofia. Alexander Gottlieb Baumgarten introduziu o termo para definir “uma ciência de como as coisas são conhecidas por meio dos sentidos (*sicentiam sensitive quid cognoscedni*)” (GUYER, 2008 p. 27). Para Baumgarten, segundo Eaton (2008, p. 87), “a estética ofereceria uma base para explicar e justificar juízos humanos sobre o que é e o que não é belo”.

### **Objeto artístico e autoria**

O objeto da arte não é fruto exclusivo da versão material e formal. Uma partitura não é a execução da obra; é, ao contrário, o objeto material essencial para a realização do concerto, ópera ou musical. O registro documental de uma *performance* ou intervenção urbana não é a obra realizada, é consequência dela. A fotografia de arte não é o objeto ou a pessoa retratada. A ilustração do figurinista para um espetáculo é uma forma de representação. Assim como a apropriação dos detalhes e cores do mendigo nas artes visuais, pintura ou na moda. Não é o mendigo real e social. É o mendigo *cult*.

É interessante delinear o papel do autor e das tendências que promovem a criação. O fazer da arte ocorre em ondas, em movimentos lentos e rápidos, influenciados por ideias, pensamentos e sentimentos. Cores, um aroma, uma imagem, uma paisagem são pontos de partida para a criação de uma obra de arte. Uma espécie de debate entre o pensamento e a linguagem na busca da expressão.

Por serem expressivos, os objetos artísticos comunicam algo. Não estou dizendo que a intenção do artista seja a comunicação com o outro. Mas ela é consequência de seu trabalho – o qual, aliás, só vive em comunicação quando atua na experiência de terceiros. (DEWEY 2010, p. 212)

O artista não deve apenas dominar a matéria ou a técnica, mas domar conceitos e padrões. Para Dewey, a luta é converter materiais “(...) que gaguejam ou emudeçam na experiência comum em veículos eloquentes”. (DEWEY, 2010, p. 403).

Para o filósofo, arte não denota simplesmente objetos e, segundo ele, se o termo “(...) fosse verdadeiramente um substantivo, os objetos de arte poderiam ser classificados em diferentes categorias.” (DEWEY, 2010, p. 382). Acredita-se que a estética mendiga tem outros significados. Dissociado das ideias originais de estética, que correspondiam ao belo, ordem, equilíbrio entre forma e conteúdo, aspecto formal e de aparência do objeto.

A estética, ao contrário da ciência teórica, realizou, para Cunha (2003, p. 261), “o mais absoluto subjetivismo de que a humanidade foi capaz até o momento”. O artista deixou de ser apenas aquele que ilustra ou expressa de modo sensível verdades naturais, para ser um criador.

A visualidade representada pela estética mendiga é pautada pelo desencontro e pela desconstrução, alinhados a aspectos culturais, ideológicos e emocionais, condicionados a um estilo de vida urbano e às formas de representação do mundo contemporâneo.

Segundo Debord (2009, p.37):

O espetáculo, como a sociedade moderna, está ao mesmo tempo unido e dividido. Como a sociedade, ele constrói sua unidade sobre o esfacelamento. Mas a contradição, quando emerge no espetáculo, é, por sua vez, desmentida por uma inversão de seu sentido; de modo que a divisão é mostrada unitária, ao passo que a unidade é mostrada dividida.

Debord (2009) insinua que o novo e sua apropriação são parte da sociedade midiática contemporânea e a espetacularização é um gesto em direção ao conflito e ao esvaziamento de certos valores culturais, sociais e, estéticos.

## Formas de expressão

Algumas formas de expressão têm como figura central – e necessária – o corpo humano, como a dança, o teatro e a *performance*. Corpo que se veste e despe de trejeitos, maneiras, roupas, manias e posturas; posa para a fotografia, para a pintura e para o desenho.

Se existem inovações e práticas artísticas e estéticas, existem os processos e diferentes jeitos de fazer. Se anteriormente a expressão era regida pelo domínio técnico da pincelada, da modelagem do barro ou do traço, hoje matéria e técnica se misturam com tecnologia, informação e linguagem.

Para Ostrower (1987) a criatividade é a busca permanente do artista para estabelecer um relacionamento significativo entre a expressão e a matéria.

Atividade criativa que consiste em “transpor certas possibilidades latentes para o real” (OSTROWER, 1987, p. 69). A estética mendiga é o caminho inverso: é a transposição do real para o imaginário, resultando na criação de um objeto que pode ser artístico, expressivo ou apenas adquirir propriedades estéticas, aspectos sensoriais e significativos.

Ostrower questiona:

Quem, no entanto, haveria de definir o certo ou errado? Nem mesmo o artista poderia explicar para si o porquê de suas ações e decisões, ou talvez defini-lo em conceitos (é claro que não há necessidade de fazê-lo, pois na obra o artista se define inteiramente). (OSTROWER, 1987, p. 69)

O fazer artístico é permeado por impulsos: sentimentos, emoções, tendências, mercado de arte, informação, tecnologia, contexto social e cultural. Então, como compreender os impulsos para o que é considerado como inspiração? Qual a faísca que inicia o processo? Qual a atração atraída pela figura do mendigo? De qual estética estamos falando?

Podemos entender todo fazer do homem como sendo inspirado se o qualificamos pelo potencial criador natural, pela inata capacidade de formar e intuir, por sua espontânea compreensão das coisas. O ser sensível como um espelho d'água encrespando ao mais ligeiro vento e onde uma pedrinha jogada ao acaso traça ondas em círculos sempre crescentes. (OSTROWER, 1987, p. 73)

Todo processo, obra ou ação artística requer uma representação; entre o indivíduo, a realidade e aquilo que é representado existe certa experiência, determinado conhecimento, intuição ou técnica. Relação permeada pela linguagem e pelo pensamento. Por isso existem distâncias – ausências, alterações e inferências - entre o real e a maneira como pensamos uma situação, objeto, ideia e a sua representação, e registramos esse pensamento em expressão material.

O significado de expressão segundo Dewey (2010, p.179), é a construção de um objeto original e quer dizer tanto o ato – de expressar – quanto o seu resultado. O efeito não é simplesmente o artefato, obra, peça representativo de outros objetos, paisagens ou figuras e nem “um processo de descarga das emoções pessoais” (DEWEY, 2010, p.179). Esse processo é entendido como ato criativo, não como um conceito de imitação.

A representação para Dewey está vinculada à atribuição de significados e ao objetivo vivenciado, uma experiência integradora. Os significados não são universais. Ao apreciar um quadro, interpretar um poema ou assistir a um espetáculo, cada espectador tem observações, apreensões e sensações próprias. A apreciação

artística é uma soma de experiência, vivência, conhecimento e memória que acontecem por que a “arte é a realização imediata da intenção”. (DEWEY, 2010, p.184)

### Mendigo nas artes

Os gestos dos mendigos são facilmente identificados: a mão que pede, o falar sozinho, o corpo curvado, o andar vagaroso, o olhar perdido, a cabeça baixa, o esbravejar, a gargalhada. Personagens retratados, espetáculos de dança, musical, teatro e ópera. E não faltam exemplos.



Fig. 3 - Two Beggar 1730 - Giacomo Cerutti

Fonte: <http://viticodevagamundo.blogspot.com.br/2010/05/pedintes-beggars.html>

A Ópera dos Mendigos é uma peça musical de John Gay, escrita em 1728, que satiriza a classe alta. O cartaz do espetáculo - da época - tem uma imagem produzida por William Hogarth, pintor, gravador, cartunista e desenhista inglês conhecido por suas críticas à política.

No Brasil, o álbum da Ópera do Malandro<sup>1</sup>, lançado em 1979, traz músicas do espetáculo escrito por Chico Buarque com base na Ópera dos Mendigos e na Ópera dos Três Vinténs de Bertolt Brecht e Kurt Weill. A Ópera dos Três Vinténs (2012) estreou em dezembro de 1964, no Teatro Ruth Escobar em São Paulo/SP, como releitura paródica de Brecht da Ópera dos Mendigos de John Gray.

Na moda, segundo a consultora Manu Carvalho (apud JORDÃO, 2010), os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 marcaram uma nova visão sobre o consumo – “a ostentação saiu de moda” e criaram o mendigo chique. A opinião

1 O espetáculo estreou no Rio de Janeiro em julho de 1978 e em São Paulo em outubro de 1979, sob direção de Luiz Antonio Martinez Correa. O filme, dirigido por Ruy Guerra foi lançado em 1986.

da consultora do SENAC/SP, Denise Morais, é que a estética mendiga recebe influências do militarismo, do *punk* e do grunge. Morais (*apud* JORDÃO, 2010), diz que o processo é cultural e ideológico, “a camiseta furada está muito mais ligada às guerras do que à crise econômica, por exemplo.” (MORAIS *apud* JORDÃO, 2010). A estilista Flávia Lafer (*apud* JORDÃO, 2010), constata que a tendência nasceu para “desconstruir o luxo, que se pasteurizou e se banalizou nos últimos anos”. A calça *clochard* (mendigo em francês) era moda em 1980 e conhecida como *bagging*, modelo de calça de cintura alta, barra encurtada e ligeiramente estreita, com quadril folgado e pregas abaixo do cós, como calças usadas por Charles Chaplin.



Fig. 4 - Mendigo chique

Fonte: [http://www.istoe.com.br/reportagens/60215\\_MENDIGO+CHIQUE](http://www.istoe.com.br/reportagens/60215_MENDIGO+CHIQUE)

E qual o papel do corpo nas artes? O corpo humano, para Santaella (2006, p117), além de orgânico e genético é um canal de comunicação, carrega signos dos quais podemos extrair textos e discursos. Corpo, que vestido para a ficção é elemento da arte. Para a pesquisadora, o corpo é essencial para várias formas artísticas. Santaella (2006, p. 117) afirma que a moda funciona como um fórum em torno das questões do belo, do verdadeiro, do rico e do bem. Santaella diz que a moda “é infixável, sua definição é incapturável, sua natureza, pluriforme, multifacetada.” A dúvida paira sobre a superexploração da figura mítica do

mendigo como uma fonte de inspiração. Será que essa necessidade se encaixa na pergunta de Santaella? A roupa do mendigo é casa, carro, cama, escudo. Assim é o mendigo. Único e repartido, composto com elementos tridimensionais na roupa-casa. São camadas e mais camadas de tecidos variados, texturas, coisas e objetos impermeabilizados pelo uso e pela sujeira. Como associar essa imagem ao comportamento de quem compra em uma loja de *shopping*?

No século XX, o poder persuasivo das imagens foi estratégia para incrementar a economia, por meio da mídia e da publicidade. Nesse cenário aparece o fotógrafo inglês Lee Jeffries, que depois de um encontro com jovens moradores de rua, em Londres, que fotografa personagens das ruas nos Estados Unidos e na Europa. O trabalho contribui para a arrecadação de fundos para a *Centrepaint* que ajuda jovens moradores de rua em Londres e quem doa recebe o retrato de um morador de rua. São fotografias, em preto e branco, um instante de estranha beleza.



Fig. 5 - Sem teto fotografada em Miami (EUA)

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/16536699@N07/>

O carnavalesco Joãosinho Trinta trabalhou para a Escola de Samba Beija-Flor de 1976 a 1992 e foi responsável por uma polêmica na história do carnaval com o carro alegórico Cristo Mendigo. Depois de disputa jurídica com a Igreja Católica, que não desejava o desfile do Cristo Mendigo, o carnavalesco desfilou com a alegoria coberta com a frase “Mesmo proibido, olhai por nós!”. Em 2012, o Cristo Mendigo – motivo da discórdia – voltou ao desfile como homenagem a Joãosinho, falecido em 2011.

A temática da estética mendiga acompanha tendências. Os jogos virtuais investiram na temática com o Clodogame<sup>2</sup>. (FERNANDES, 2012, s/p), lançado

2 Game do mendigo, palavra mendigo aparece sob a forma de gíria, em francês, *clodo*, em vez de *clochard*.

em 2007, pela Farbflut Entertainment GmbH. O internauta se transforma em mendigo talentoso que, para ter ascensão social, furta e briga. A empresa que desenvolveu o jogo informa que “*Clodogame* retoma o estilo dos jogos tradicionais de estratégia, mas se insere em um contexto mais próximo da nossa realidade” (FERNANDES, 2012, s/p).

### Considerações finais

O mendigo é quase um símbolo. Talvez um alterego do que há de primitivo no ser humano. Estabelece um ritmo próprio, ausente de instituições sociais e de necessidades de comprovação, compromissos e comportamentos previsíveis. Em outros momentos, é parte da teia social interferindo nas questões institucionais, sendo vigiado, interpolado, enquadrado e classificado. Vive em liberdade vigiada.

É possível pensar que os detalhes sobre a aparência do mendigo fazem parte dessa compreensão. Alguns criadores podem entender a vida mendiga como uma questão social, ou compreender como a vida na rua pode ser um estilo de vida. Extrair uma emoção, uma sensação.

A estética mendiga procura informações, cores e formas em camadas muito mais densas do que a visão superficial da roupa, do cabelo, do gesto ou da palavra. Uma estética que conta histórias ainda não reveladas, escondidas, como uma espécie de suspense. Uma estética da memória e da emoção.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Roger. **A construção estética da realidade.**

**Vagabundos e pícaros na idade moderna.** (2012). Disponível em: [http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg17-3.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg17-3.pdf). Acesso em: 27 julho 2012.

COELHO, Maria Claudia; Rezende, Claudia Barcellos [org.], **Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções.** Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2011.

CUNHA, Newton. **Dicionário Sesc: a Linguagem da Cultura.** Editora Perspectiva. 2003. São Paulo.

Debord, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Tradução Estela dos Santos Abreu. – Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 238 p La Société du spectacle.

DEWEY, John. **A arte como experiência;** [organização Jo Ann Boydston; editora de texto Harriet Furt Simon; introdução Abraham Kaplan; tradução Vera Ribeiro. – São Paulo: Martins Fontes, 2010. – (Coleção Todas as Artes).

EATON, Mulder, Marcia. **Arte e o estético**. In: Estética: fundamentos e questões de filosofia da arte. Tradução Euclides Luiz Calloni. – São Paulo, 2008. – (Coleção Filosofia)

GUYER, Paul. **As origens da estética moderna: 1711-1735**. In: **Estética: fundamentos e questões de filosofia da arte**. Tradução Euclides Luiz Calloni. – São Paulo, 2008. – (Coleção Filosofia)

KIVY, Peter. **Estética: fundamentos e questões de filosofia da arte**. Tradução Euclides Luiz Calloni. – São Paulo, 2008. – (Coleção Filosofia)

LE GOFF, Jacques. **Uma história do corpo na Idade Média**. Jacques Le Goff, Nicolas Truong; tradução Marcos Flamínio Peres – 3ª Ed. – revisão técnica Marcos de Castro. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GOLDMAN, Alan. Avaliando a arte. In: **Estética: fundamentos e questões de filosofia da arte**. Tradução Euclides Luiz Calloni. – São Paulo, 2008. – (Coleção Filosofia)

GOMES Filho, João. **Gestalt do objeto: sistema de leitura visual**. – São Paulo: escrituras Editora, 2000.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

ROBINSON, Jenefer. As emoções na arte. In: **Estética: fundamentos e questões de filosofia da arte**. Tradução Euclides Luiz Calloni. – São Paulo, 2008. – (Coleção Filosofia)

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

WOLLHEIM, Richard. **A arte e seus objetos**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 199. – (Coleção A)

WOLLHEIM, Richard. **A pintura como arte**. Título original: Painting as an art. Tradução: Vera Pereira, 384 p. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

#### **Sites consultados:**

DEIXA A ONDA TE LEVAR! Disponível em: <http://www.farbflut.de/?l=br>. Acesso em : 24 ago. 2012.

FERNANDES, Daniela. Jogo em que internauta vira mendigo causa polêmica na França. **BBC Brasil**. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/08/090831\\_gameinternet\\_france\\_mv.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/08/090831_gameinternet_france_mv.shtml). Acesso em: 01 set. 2012

GULLAR, Ferreira. **A função social da arte**. Disponível em: <http://www.gilsoncamargo.com.br/blog/?p=3384>. Acesso em: 16 jul. 2012.

História da Arte. In: Wikipedia. 2012. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_da\\_arte](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_arte). Acesso em : 17 julho2012

[http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg17-3.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg17-3.pdf). Acesso em: 23 jul. 2012.

Joãozinho Trinta. In: Veja. 2012. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/beija-flor-desvenda-cristo-mendigo-de-joaosinho-trinta> . Acesso em: 16 jul. 2012.

JORDÃO, Claudia. Mendigo chique. Revista Istoé Comportamento, n° 2107, mar. 2010. [http://www.istoe.com.br/reportagens/60215\\_MENDIGO+CHIQUE](http://www.istoe.com.br/reportagens/60215_MENDIGO+CHIQUE). Acesso em :03 jul.2012.

LAGNADO,Lisette. **O malabarista e a gambiarra**. Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/1693,1.shl>. Acesso em:25 set.2012.

Ópera do Malandro. In: **Wikipedia**. 2012. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pera\\_do\\_Malandro\\_\(%C3%A1lbum\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pera_do_Malandro_(%C3%A1lbum)).

---

## Minicurrículo

Ana Cláudia Henrique de Araújo é doutoranda em Ciência da Informação e membro do Grupo de Pesquisa Imagem, Memória e Informação (UnB). Jornalista, mestre em Ciência da informação (UnB) e especialista em artes visuais (Senac). Experiência em comunicação social, artes visuais (design e criação) e museologia, especialmente nas áreas de ação cultural, curadoria, programação, gestão da informação e projetos na área educativa para espaços culturais.